I.

Na Hungria, Viktor Orbán é reeleito primeiro-ministro com 49% dos votos. Neste programa olhamos para esta vitória e para uma campanha eleitoral, marcada por um discurso anti-imigração.

Na Alemanha, Carles Puigdemont foi libertado. O exlíder da Catalunha quer iniciar uma campanha europeia para promover a independência daquela região espanhola.

E ainda na edição de hoje: Facebook admite que dados de cerca de 2,7 milhões de utilizadores da União Europeia poderão ter sido usados de forma inadequada.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa!

Viktor Orbán foi eleito na Hungria para um terceiro mandato como primeiro-ministro. O resultado atribui 133 dos 199 assentos parlamentares ao partido populista Fidesz, como nos conta a jornalista Lina Ferreira.

Viktor Orbán juntou-se à multidão e entoou o hino da revolução húngara de 1848, que levou à independência do país do Império Austríaco.

Foram assim as primeiras celebrações, em Budapeste, de mais uma vitória – é a terceira – para o primeiro-ministro. De acordo com as ultimas actualizações, nas eleições legislativas, o Fidesz, o partido de Orbán, conquistou 48,5% dos votos.

Isto quer dizer que o líder conseguiu manter a maioria de dois terços na Assembleia Nacional, ocupando 133 dos 199 assentos parlamentares.

O maior partido da oposição – o Jobbik – da direita ultranacionalista conquistou 26 assentos seguindo-se o partido socialista com 20 lugares.

. . . .

E connosco ao telefone desde Bruxelas, está Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional baseado na capital belga.

## Victor, estes eram os resultados esperados?

Sim, eu penso que sim, penso que depois de uma campanha eleitoral, em que ele conseguiu manipular completamente a opinião pública húngara, não seria de esperar outro tipo de resultados. Uma das grandes lições desta eleição é a questão de manipulação dos eleitores, uma nova maneira de fazer campanha com base em mentiras, com base em falsidades es sobretudos com a invenção de inimigos, que depois se tornam, digamos assim, as bandeiras mobilizadoras da opinião pública e do apoio ao partido do primeiro-ministro.

Viktor Orbán projecta-se como o único defensor dos valores cristãos húngaros frente à imigração muçulmana. Um dos principais inimigos do primeiro-ministro é de facto a imigração, que esteve sempre presente nesta campanha, Victor... Sim, a questão da imigração foi uma das questões centrais, muito provavelmente foi o tema determinante em termos do apoio ao partido de Orbán. Mas não foi o único. Também houve, embora de uma maneira um bocadinho mais disfarçada uma campanha contra os judeus e, nomeadamente, a campanha contra George Soros, que é um filantropo americano de origem húngara e que tem feito imenso pela educação e pela democratização da Europa do Leste a da antiga União Soviética. A campanha contra o George Soros tinha muitas tonalidades anti-semitas. Evidentemente em contraponto a isso houve muita ênfase no cristianismo e no nacionalismo. Também é verdade que a economia na Hungria está relativamente bem, o país tem estado a crescer, embora os salários sejam baixos. Mas a verdade é que não só há crescimento económico, mas há também uma taxa de desemprego extremamente baixa.

# Esta vitória pode ser vista como um teste à ascensão da extrema-direita na Europa?

Viktor Orbán pertence à mesma família política de Jean-Claude Juncker, de Donald Tusk. É a família política do Partido Popular Europeu, o que significa que a União Europeia ficou hoje mais dependente de uma facção extremamente radical, que é a facção que Viktor Orbán personaliza. Por outro lado, a campanha eleitoral também mostrou que o nacionalismo

continua a dar trunfos e, em certa medida, a manipulação dos sentimentos nacionais é contrária à construção da Europa.

Ainda na actualidade desta semana passamos ainda por Londres, que está a braços com taxas de homicídio mais elevadas que, por exemplo, Nova Iorque.

Aqui alguns dados: Houve 15 assassinatos em Londres em Fevereiro. Em Março, foram investigados 22...Estes dois meses superaram Nova Iorque.

Vitimam, sobretudo, jovens. E especialistas falam de alienação das camadas jovens e da ausência de horizontes para essas gerações. Isto pode explicar este aumento da criminalidade na capital britânica?

É uma criminalidade fundamentalmente juvenil, mas é uma criminalidade também que tem muito a ver com as dificuldades que os jovens vindos de famílias imigrantes têm em se integrar na sociedade britânica. Muitos destes jovens são oriundos de famílias que vieram ou da Nigéria ou das Caraíbas, ou de outras partes do mundo, mas sobretudo da Nigéria e das Caraíbas. Têm imensas dificuldades em ser aceites e em se verem como britânicos. Por outro lado, há agui duas outras questões: muitos jovens recorrem à pequena criminalidade desde muito cedo e começam na rua a vender drogas por exemplo, com 12, 13 anos, o que significa que a pequena criminalidade é uma das vias que leva depois à violência. Mas também há o peso das plataformas sociais, porque na realidade muitas destas querelas entre os jovens começam primeiro nas plataformas sociais e depois vêm para a rua e acabam por se transformar em lutas entre pessoas e, nalguns casos, em facadas e mortes violentas.

Temos também o ataque em Munster, na Alemanha. As autoridades descartam para já um ataque terrorista. Eu perguntava-lhe, a Alemanha, que também é um país em parte feito da imigração – de vários credos e religiões – parece no entanto que, em comparação com o Reino Unido ou com França, tem um um processo de integração com mais resultados. Como é que se pode explicar isso?

Sim, a Alemanha tem sido, apesar de tudo e apesar das diferentes origens da juventude alemã, tem conseguido integrar muito melhor os seus jovens do que outros países europeus e, em particular, o Reino Unido.

O Reino Unido utiliza uma política muito individualista, e em que cada um tem de tratar de si, enquanto na Alemanha a

política social e, nomeadamente a política destinada aos jovens, permite formação profissional, permite um ensino especializado, tendo em conta as necessidades específicas de educação de cada uma das gerações e de cada um dos segmentos étnicos da sociedade alemã, ou seja, há um grande investimento social e educativo na juventude alemã e isso permite aos jovens e nomeadamente aos jovens provenientes da imigração, uma integração mais fácil e certamente a possibilidade de encontrar emprego que é, em muitos casos, a melhor via para uma vida mais estável e para uma vida mais pacífica.

#### III.

Ainda na Alemanha, Carles Puigdemont disse que vai embarcar numa campanha europeia para promover a independência da Catalunha.

Sem planos para regressar a Espanha, o ex-presidente do Generalitat acredita que tem o dever de explicar à Europa o que se passa naquela região espanhola.

Puigdemont foi libertado pelas autoridades alemãs sob o pagamento de uma fiança de 75 mil euros.

Os tribunais têm agora de decidir se vão ou não extraditar o ex-líder para Espanha com base em acusações de sedição. O catalão está obrigado a apresentar-se às autoridades alemãs todas as semanas.

Recorde-se que Puidgemont foi detido no norte da Alemanha a 25 de Março, quando seguia da Dinamarca para a Bélgica, onde vive actualmente.

No Sábado, em conferência de imprensa, o ex-lider voltou a criticar as acções de Madrid.

# Carles Puidgemont, ex-líder Catalunha

Através dos despachos e das prisões, querem conseguir aquilo que não conseguiram nas urnas. Hoje assistimos novamente ao que é correcto e o que é correcto é que o Parlamento possa debater sem restrições a eleição de um dos membros da Generalitat. É o que diz a lei. Repito, é o que diz a lei.

Puidgemont pediu ainda ao executivo espanhol o normal funcionamento dos poderes regionais.

Em sinal de abertura, retirou provisoriamente a candidatura à presidência catalã e propôs o número dois: Jordi Sanchéz,

também em prisão preventiva há quase seis meses e acusado de sedição.

### Carles Puidgemont, ex-líder Generalitat

Jordi Sanchéz tem intactos os seus direitos como deputado e, portanto, pode ser eleito como presidente do Governo.

Victor, Puigdemont foi libertado pela justica alemã. Não era o que Madrid queria. Como é que vai proceder agora Espanha? A Espanha não tem agora outra solução senão esperar pelo desenrolar do processo jurídico na Alemanha. E terá depois de seguir, digamos assim, as decisões que vierem a ser tomadas pelos juízes alemães. Se os juízes alemães resolverem que Puigdemont só pode voltar à Espanha por razões de abuso de confiança e de abuso de fundos públicos, é evidente que ele só poderá ser julgado em Espanha por esse tipo de crimes, o que significa também que isso terá um impacto na maneira como os outros dirigentes da Catalunha irão ser julgados, porque nós iremos ter duas situações distintas. Por um lado, Puigdemont com acusações muito mais leves do que as acusações feitas aos outros dirigentes catalães. Eu diria que a justiça espanhola e o poder político espanhol têm mais um problema pela frente, que é como tratar o julgamento de Puigdemont e dos outros dirigentes da Catalunha, mas não é só isso. A política espanhola tem um grande problema ainda pela frente que é o problema da Catalunha em geral. Neste momento continua a não haver um governo regional da Catalunha, eles continuam debaixo da jurisdição e da autoridade vinda de Madrid, ao abrigo do artigo 155, e isso significa que o Governo regional não está constituído, as coisas não estão a funcionar em termos de descentralização e autonomia e, acima de tudo, a grande divisão que existe na sociedade catalã entre os independentistas e os soberanistas continua a acentuar-se.

Carles Puigdemont retirou provisoriamente a candidatura à presidência catală. Propôs então o número dois, Jordi Sanchéz que Está detido preventivamente há quase meio ano. Que espaço de manobra tem este homem?

Jordi Sánchez não tem qualquer tipo de possibilidade de ser eleito presidente do governo da Catalunha, na medida em que para que isso possa acontecer, ele precisava de ser libertado para participar na reunião do Parlamento Regional da Catalunha e ser eleito nessa altura presidente do governo regional. Isso certamente não vai acontecer. O governo espanhol não vai permitir e a justiça espanhola certamente não o vai deixar sair e nós vamos continuar a ter uma situação completamente bloqueada na Catalunha. E eu devo dizer que neste momento qualquer apelo ao diálogo parece ser um apelo que não será ouvido.

Exactamente por haver essa falta de diálogo, Puigdemont disse que este conflito exige mediação internacional. Quem é que poderia fazê-la?

À estratégia de Puidgemont de transformar o problema catalão num problema e numa bandeira europeia não vai funcionar. É uma estratégia que está condenada à partida. Nós vemos claramente que há muito pouca vontade ao nível de Bruxelas, muita pouca vontade ao nível das diferentes capitais europeias em intervir nos assuntos internos dos diferentes países europeus. Nota-se isso em outras partes da União Europeia, incluindo a Polónia, e certamente vai continuar a ser esse tipo de política que será seguida em relação a Espanha, ou seja, a Europa não vai querer meter-se no problema catalão, a não ser que haja uma crise nacional profunda na Catalunha, com vítimas nas ruas, com violência generalizada e evidentemente nessa altura as coisas serão completamente diferentes. E a questão levantada, quem poderá fazer essa mediação, penso que é uma questão que neste momento não tem resposta.

#### IV.

E num outro caso que está a marcar a actualidade: O gigante Facebook admitiu que os dados de "até 2,7 milhões" de utilizadores da União Europeia poderão ter sido transmitidos de forma inapropriada à empresa britânica Cambridge Analytica. Mais com a jornalista Sofia Jesus.

O Facebook revelou à Comissão Europeia que os dados de "até 2,7 milhões" de utilizadores desta rede social a residirem na União Europeia poderão ter sido transmitidos de forma inadequada à empresa britânica Cambridge Analytica. Num comunicado, a Comissão refere que a empresa de Mark Zuckerberg já garantiu que tomou medidas para evitar casos semelhantes no futuro.

Ainda de acordo com o comunicado, prevê-se para esta semana uma conversa telefónica entre a comissária europeia com a pasta da Justiça e a direcção do Facebook.

A empresa já admitiu que a consultora Cambridge Analytica utilizou dados de 87 milhões de utilizadores para influenciar campanhas políticas à escala global. Quando este caso foi conhecido, falava-se apenas em 50 milhões de clientes.

Ora, na sequência deste escândalo, a Comissão Europeia pediu esclarecimentos ao Facebook.

A empresa anunciou entretanto que vai desactivar a ferramenta que permite aos utilizadores encontrar pessoas através de números de telefone ou endereços de correio electrónico.

Victor, como é que se pode reagir a uma ameaça como esta? Estas ameaças vão em certa medida continuar. É preciso ter presente que um em cada dois cidadãos da União Europeia usa o Facebook. E, por outro lado, não é só o Facebook, é o Twitter, o Instagram, são outras plataformas sociais. A realidade é que tem que haver medidas concretas de protecção dos dados pessoais. A União Europeia está a preparar legislação, que será muito provavelmente aprovada em finais de Maio, que vai reforçar a protecção dos dados pessoais dos cidadãos europeus. Mas mesmo assim, é evidente que, através das redes sociais, é possível obter muita informação e muita dessa informação pode ser utilizada para fins que têm a ver com objectivos comerciais e também com objectivos políticos e é isso que tem estado a acontecer.

E de que forma é que a utilização dos dados do Facebook pode ter ajudado a influenciar situações como o Brexit ou, por exemplo, as eleições presidenciais norte-americanas? As pessoas vão ao Facebook, por exemplo, para procurar pessoas que tenham a mesma opinião e que reforcem os seus preconceitos e é isso que estas companhias aproveitam, ou seja, procuram criar perfis falsos e procuram dar a impressão de que determinadas ideias tenham um impacto e uma aceitação muito vastas nas plataformas sociais e então cria-se assim uma realidade ilusória, ou seja, cria-se a ilusão de que determinados pontos de vista mais radicais são aceites por milhares e milhares de pessoas. E aquilo que era ao princípio visto como radical, a partir do momento em que parece ter sido aceite por dezenas e dezenas de milhares de pessoas deixa de ser radical e os preconceitos passam a ser verdade. O

Facebook funciona um bocadinho como uma câmara de eco para os preconceitos de muita gente e as pessoas encontram um certo conforto ao ver que não são elas apenas que acreditam nesse tipo de coisas, mas que há muitos mais que também acreditam. E é assim que estas companhias utilizam estas plataformas sociais para criar uma realidade e tentar levar o eleitorado numa direcção.

#### V.

E foi Victor Ângelo sobre o mais recente escândalo que envolve o Facebook.

E esta semana sugerimos uma lista do *The Guardian* de 20 exposições em cidades europeias para o ano de 2018. No museu espanhol Guggenheim, em Bilbao, pode ver uma retrospectiva do trabalho do suíço Alberto Giacometti. Desde escultura, passando por pintura, está em exposicao parte do percurso do artista plástico, que morreu em 1966. Na Dinamarca, mais exactamente no Museu de Arte Moderna da Louisiana, em Humlebaek, vai estar disponível uma mostra de Gabriele Münter, pintora cuja obra viveu na sombra do trabalho do seu companheiro Kandinsky.

A Dinamarca a dar-lhe agora voz com a exposição de 130 peças de pintura, desenho, fotografia e vitrais.

Outro caso de relativo anonimato é o de Martha Stettler. A artista suíça impressionista é recordada este ano pelo Museu de Arte de Berna.

Stettler foi a primeira mulher a expor na Bienal de Veneza. E terminamos com uma mostra que vai acontecer a partir de Novembro em Vaduz, capital do Lichtenstein.

A jovem Fundação de Arte Hilti, que abriu as portas apenas em 2015, apresenta trabalhos de grandes nomes da arte, como é o caso de Picasso, Mondrien ou Matisse.

Nós hoje ficamos por aqui. Regressamos, como sempre, na próxima terça-feira à mesma hora. Até lá.

# [ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus + Estamos no Facebook em Magazine Europa.